AMOR COMO ARMA

I

... E durante um longo inverno plantaram sementes no escuro. E só nasciam armas, que mataram crianças queimando tudo: vida, amor, esperança, por longos anos.

E pessoas perdiam o valor da liberdade e dignidade. E países contrataram gênios, que fabricaram guerras e venderam armas, e ficaram ricos; e pessoas morreram, hino ao controle de natalidade. E a

juventude é manipulada e defende bandeiras sem sequer saber o porquê...

E os respeitáveis cidadãos falam besteira e fazem sermões, se acham os únicos, se julgam melhores que seus filhos, e nem se tocam que são eles que destroem o mundo faz tempo!

O inverno nunca terá fim?

II

Madrugada fria e silenciosa em São Paulo. Há uns... Vinte anos não havia um clima assim, com neblina estilo Londres, garoa fina e insistente, monótona e tranqüila. Sean Karves ouvia seus próprios passos apressados ecoando nos paralelepípedos escorregadios da Rua Endres. À direita um estacionamento, a essa altura com pouquíssimos carros, à esquerda umas lojas fechadas, à exceção de um barzinho com movimento interno, música ambiente e poucos clientes bebendo e, possivelmente confraternizando.

Ele para por alguns instantes, passando a mão direita pelo rosto, tão suado quanto molhado. Olha para trás. Fica imóvel, atento. Ainda não os via, mas agora podia ouvir seus gritos entre si, à sua procura. Estavam próximos!

Sean volta a movimentar-se, agora correndo ladeira abaixo, sentindo a proximidade de seus perseguidores.

Outra olhada rápida, sobre o ombro.

Dobrando uma esquina depara com um beco escuro; entra sem hesitar. Verifica ser um beco sem saída. Acabava num muro de tijolos que o separava de um quintal nos fundos de uma casa.

- Tinha que ser comigo, droga! – murmura consigo mesmo, em voz baixa, como que para atestar que ainda podia falar, apesar da boca seca.

Encosta o corpo numa das paredes úmidas do beco, respirando com dificuldade entre os latões de lixo.

A chuva apertara de repente, disposta a complicar.

- Ela só pode ter armado uma pra mim! – torna a falar, ofegante, com um gesto de raiva – Mas primeiro tenho que sair dessa... – respira fundo, mãos apoiadas nos joelhos.

Olha em volta. Seus olhos já se acostumando à escuridão. Naquele beco os moradores colocavam seus latões e tambores de lixo. Era visitado por cães vira-latas, gatos vadios, pessoas sem teto à procura de restos de comida e "profissionais catadores de papelão", protagonistas de uma nova categoria social nesses tempos de ausência de regras. E agora por ele, Sean karves.

Passa nervosamente as mãos pelos cabelos molhados, tentando organizar os pensamentos. Era treinado para sair-se bem em situações como essas. Trabalhava como

detetive particular; tinha um escritório que funcionava na Europa. Voltara a São Paulo, onde nascera, apenas por problemas particulares. E férias. Sempre que podia, voltava para casa.

Estava sendo perseguido e nem desconfiava o motivo!

Era um ilustre desconhecido na cidade, ninguém sabia sua profissão. Além disso, seus casos ultimamente eram totalmente corriqueiros, nada que inspirasse uma perseguição como aquela.

Por que raios alguém iria querer pegá-lo?! Nova modalidade de crime, made in cidade grande, talvez?

Novamente sacode a cabeça, desanuviando as idéias. Tentando pensar.

Só que, antes que pudesse fazê-lo, ouve um estampido seco e sente um projétil

passar zunindo de raspão por sua cabeça, indo incrustar-se em um dos sacos de lixo. Tinha um novo corte de cabelo agora, grátis.

- Casparras! –murmura entredentes, atirando-se ao chão podre e molhado, no meio dos sacos de lixo fétido. Ao mesmo tempo saca seu revólver do coldre sob o braço esquerdo. Blazer de veludo novo indo "pro saco", pensou.

Olha novamente em volta, deitado ali no meio do lixo, no escuro.

- Pareço uma pintura surrealista! – sorriso torto, voz rouca, dentes trincados.

Nada se via do local de onde partira o tiro, apenas passos incertos. Eles também não poderiam vê-lo, percebe Sean Karves. Atiraram às cegas, os filhotes de gambá, e

quase o acertaram! Pensando bem, o filhote de gambá era ele, conclui, ao respirar fundo.

Era preciso mesmo pensar rápido. E pensa: ergue-se de um salto, arma em punho, joelho esquerdo sobre um saco de lixo, mão esquerda segurando o pulso direito que apontava a arma, firmando a pontaria rumo á imensa escuridão à sua frente. Dispara quatro vezes. Ouve um berro, seguido de xingamentos.

- Um a zero eu! – fala e sorri, um tanto abobalhado.

Rápido como quem rouba sobe nos latões de lixo e escala o muro que se comunicava com o quintal nos fundos da casa. Casa vermelha, ao que parecia. Agora que denunciara sua posição, tinha que se arrancar!

Sean olha para trás, salta para o quintal nos fundos da casa. Um cachorro começa a latir sem parar, alto e estridente. Sorte que estava preso, pensa ele. Uma luz se acende na casa.

No beco o maior burburinho, parecia um forró!

- Cala a boca vira-lata pulguento, sarnento sem valor! – rosna Karves para o cachorro, exasperado. Chega a apontar a arma para a cabeçorra do animal, pensando em enviá-lo para o nirvana canino, mas desiste.

Alguém abre a janela dos fundos.

- Que barulho é esse, Paquá?! – berra uma voz ainda mais fina e estridente que a do cachorro.

Quem colocava um nome desses num cachorro, que era ainda por cima, vira-lata,

não podia ser boa coisa, pensa Sean karves, preocupado.

A voz irritante da mulher volta a ferir os tímpanos dele:

- Há alguém aí? Eu vou chamar a polícia!

Sean enxergara a mulher: rabugenta, horrenda, com a cara cheia de creme e bobes nos cabelos. Resolve falar, antes que ela atraísse a bandidagem pra o quintal e acabasse em tragédia.

- Não se preocupe, madame! – Ele sai das trevas que o ocultavam – Na verdade, eu não sou ladrão... Sou... Hã... Da carrocinha.

- Da carrocinha?! – a mulher estava visivelmente confusa.

- Sim senhora – oferece o seu melhor sorriso e conclui com a maior cara de pau

que o desespero pode causar; - Seu cachorro já foi vacinado?

Até seria uma pergunta passável, não fosse feita em plena madrugada, nos fundos da casa de alguém. Antes que a mulher pudesse responder, tiros cortam o ar.

- Céus, o que é isso?! – grita a megera, os olhos esbugalhados de susto.

Os perseguidores de Sean karves subiram nos latões e tentavam saltar o muro para o lado do quintal.

- Fogos de artifício, madame. Boa noite!

Ele desaparece pelo corredor que dava na frente da casa, ante o olhar atônito da mulher. Pula o portão e dispara pela rua. Atrás dele, mais tiros, gritos e latidos do sarnento Paquá.

Com vários minutos de corrida, embrenhando-se por ruas estranhas e becos sujos, debaixo da chuva, tremendamente cansado, karves já tinha finalmente despistado seus perseguidores desconhecidos. Já se sentia vencer pelo cansaço quando deparou com um ponto de ônibus. Nem parou para refletir; pegou o noturno que nem sabia pra onde ia, sentou num banco e resolveu descansar.

Não sabia de quê ou por que, muito menos de quem, mas por enquanto escapara.

III

Era uma mulher vulgar, precocemente envelhecida. Pintada demais, com roupas que tinham a intenção de ser insinuantes, mas eram apenas ridículas. Camiseta do Corinthians desbotada, com um nó na cintura, com intuito de deixar à mostra o umbigo; uma calça justa de agasalho, amarela e sandálias de salto alto.

O local: uma rua afastada em frente a um antigo prédio com escadas sujas e pouco freqüentadas. Paredes pichadas com pintura descascando, rua pouco iluminada.

Amanhecera há poucas horas e Sean caminhava para um ponto de táxi, pretendendo voltar para casa. Rodara até o ponto final do ônibus e agora nem sabia onde estava.

Aquela mulher ficava olhando para ele fixamente, com olhos turvos e

vermelhos de cachaceira e viciada em drogas; olhos manchados por uma maquiagem pesada que escorrera ao receber a garoa da madrugada. Seu pescoço magro e comprido, esticado e enrugado, sustentava uma cabeça triangular, emoldurada por cabelos escorridos, repartidos ao meio, parecendo macarrão mal cozido. Cabelos que a vaca lambeu.

Ela insistia em olhá-lo e colocava sua enorme e visguenta língua para fora, como se fosse um camaleão repugnante. Ao vê-la pela primeira vez karves se assustara. Olhara para todos os lados, tentando conferir se era com ele. Voltara-se na direção da mulher novamente; ela repete o

gesto, pondo sua língua pra fora. Agora tivera certeza de que era com ele. Sente o sangue ferver... Irritado, molhado, sem dormir... Aproximara-se da mulher com passos lentos, as mãos nos bolsos. Ela sorri, encolhendo-se como uma sanfona, enrugada como uma uva-passa. Sean dera um sorriso sem graça.

A mulher não pensara duas vezes; pusera a língua pra fora outra vez, como se fosse um relógio cuco.

Sean Karves agira por impulso: soltara-lhe a porrada no meio da cara, colando a mulher na parede do prédio, toda ensangüentada. Foi a nocaute instantaneamente, escorregando parede abaixo como o gato do desenho animado. Em seguida dera meia volta e continuara o caminho, observado atonitamente por um

bêbado que assistira a cena, vendo tudo duplamente.

- Mostrar a língua é falta de educação. – concluíra para um bêbado incapaz de parar em pé, quanto mais entender qualquer coisa.

IV

Um quarto de tamanho médio, no qual cabia uma cama larga, um armário e uma escrivaninha com abajur. Sem luxo e sem frescura, mas limpo. No canto, uma janela pequena, com vista para outros prédios gigantescos, resistentes aos anos, firmes à evolução da cidade, uma metrópole. Uma vista que não interessava a Sean.

A poluição pairava como uma vizinha fofoqueira, pronta para invadir assim que a janela fosse aberta e bisbilhotar pulmões alheios, deixando péssimos resultados.

A sala, pequena, abrigava um velho sofá de couro, uma televisão em cores e um aparelho DVD, daqueles pequenos. No canto, um móvel com um aparelho de som e vários CDs empilhados. Seguindo por um corredor chegava-se até a cozinha, nunca

habitada, mas com um forno microondas, geladeira, mesa e pia. No fundo, ao lado da despensa, uma porta saía na lavanderia em que Sean guardava, num armário embutido bem trancado, algumas armas de calibre pesado. Por fim um grande banheiro, a melhor coisa do apartamento, com bastante espaço para se movimentar. O telefone perambulava pela casa como um fantasma; na última vez Sean o deixara no chão do corredor.

Ele entra e vai até a mesa da cozinha, que era onde a mulher da limpeza empilhava seus recados. Não encontra nada além de contas. Pega a toalha e vai até o banheiro para uma chuveirada. Após deixar as roupas sujas num cesto de plástico, invade a água quente – ele sempre tomava banho quente, mesmo no verão; um hábito –

começa a colocar em ordem os acontecimentos.

Fora chamado à casa de Alayde D'Aléssio, uma garota que conhecia há algum tempo, antes até do seu casamento – Sean pega o sabonete e começa a ensaboar-se – Alayde dissera que precisava da ajuda dele para alguma coisa. Conversaram sobre banalidades – relembra, esfregando os cabelos com xampu – mas, quando ela parecia querer entrar no assunto, foram interrompidos bruscamente.

Alayde dizia que sua irmã mais nova, Rita, uma jovem jornalista, estava na pista de...

Nesse momento, antes que terminasse a frase, invadiram a casa. Um grupo de homens armados, gritando palavras de ordem, falando em linchamento!

Seu primeiro pensamento foi que ela não lhe falara de um possível marido ou namorado, que ao encontrá-lo ali, se sentira traído. Mas era pouco provável, porque se assim fosse o homem estaria sozinho, não em um grupo de malucos armados até os dentes. Pareciam nem vê-la. Investiram contra ele. Gritavam que eliminariam o "estranho".

E o "estranho" era ele, Sean!

Tudo muito estranho...

Desvencilhando-se do primeiro com um golpe na cabeça, tratou de escapar pela janela, coberto de tiros. Começaram, então, a perseguí-lo.

Ele desliga o chuveiro e começa a secar-se.

O que não entendia era... Droga! Não entendia nada!

Por que o perseguiam? Por que queriam matá-lo, se pareciam nem mesmo conhecê-lo? Só lhe restava formular hipóteses.

Veste a roupa e examina o rosto no espelho; a bala não deixara ferimento, mas arrancara fios de cabelo, tinha certeza!

Se Alayde armara tudo, qual o propósito?

Ele seca os cabelos e penteia rapidamente, com as mãos, saindo do banheiro em direção à cozinha – Alayde também ficara surpresa e assustada, e ela era dona de uma boutique, não atriz. Serve-se de um copo de vinho e se esparrama no sofá, na sala.

Agroceres Tatum!

É isso, procuraria o coronel reformado do exército, Agroceres Tatum,

seu amigo. Ele fora amigo de seu pai, e tinha vários contatos importantes, talvez pudesse ajudá-lo.

Tatum sempre estava metido em confusões e aventuras, e se via cercado por blogueiros, que gostavam de publicar suas histórias fantásticas sobre bandidos do outro mundo, que dizia ainda costumava caçar. Termina seu vinho, decidido a procurar o coronel, à noite. Bem que gostaria de revê-lo.

Antes tinha que ver Adriana, lembra-se. Nem sabia mais se ainda estavam casados. Ela o deixara em Londres, depois de um ano e meio de casamento e voltara ao Brasil sem avisar. Ficaram um mês sem se ver, falando – quer dizer, brigando – por telefone, falando numa separação definitiva.

Agora iria procurá-la para resolver isso de uma vez por todas.

Um pensamento súbito invade-lhe a mente: será que a Adriana... Não, ela não seria capaz... Ou seria?

Com o mau gênio que tem, ela bem que poderia ter contratado pessoas para lhe encherem de pancadas! Ainda mais se achasse que a estava traindo. E bastava achar, não esperava nem provas!

- Se foi ela, eu a esfolo viva! – fala em voz alta

Vai até o quarto pegar os sapatos para ir procurar a esposa, mas desiste ao ver a cama. Bem que precisava de um sono. Ela que esperasse. A bandidagem também.

Mergulha na cama e dorme quase imediatamente.

V

Depoimento emocionado de Teósticles. Profissão: ajudante de pescador – aquele que não pesca, só leva vara...

Ele namorava uma fumeira. Ela caíra na vida cedo, quando seu pai – um espírito de porco – colocara o pé na sua frente; a coitada tinha apenas um aninho de vida.

Seu pai morreu quando ela estava moça, perfurado pelos chifres de um touro violento, o conhecido "touro careca" – o marido traído flagrou-o dançando lambada na horizontal com a mulher e meteu-lhe bala.

A mãe dela “cantou pra subir” logo depois, soterrada por um caminhão de cebola estragada que descarregaram no terreno baldio ao lado da casa. A ironia é que ela estava plantando cebola.

A fumeira então teve que se virar para sobreviver – pois estava de costas, e, se não se virasse não veria o ônibus e seria atropelada por ele; nesse mesmo ônibus ela foi para o centro, não de macumba, centro da cidade, Praça da Sé, local em que começou sua carreira de fumeira.

Todos os dias estava lá, vendendo cigarro no Viaduto do Chá, Anhangabaú... E Teósticles, para ajudá-la, passava por lá e levava fumo todo dia. Foi assim que iniciaram o doce romance: Teósticles e Eleuza Aparecida. Ela, fumeira; vendedora de cigarros e fumo de corda; e ele, levando

fumo todo dia, por amor. Mas, quis o Destino – José Destino, velho conhecido e também apaixonado por Eleuza – que o amor dos dois evaporasse como cachaça em mente de pinguço. Destino contou a Eleuza Aparecida que, para levar fumo por ela, todo dia, antes Teósticles tinha que... Para arranjar dinheiro... Levar vara!

Como Destino não explicou a real profissão de Teósticles, ela, como todo ser humano predisposto a pensar sacanagem, ficou escandalizada!

No auge do desespero, caminhou pela ladeira General Carneiro como uma sonâmbula, não querendo acreditar no que ouvira.

E quando o amante chegou ao Viaduto do Chá viu o fumo espalhado pela calçada. Seguindo a trilha, chegou ao muro

e viu, vários metros abaixo, um corpo ensangüentado, esfacelado...

Era o corpo de sua companheira, Eleuza, a fumeira, que se atirara viaduto abaixo, horrorizada com a revelação de José Destino.

Ao cair, já estourada, ainda foi atropelada por um trator da prefeitura.

Nos programas sensacionalistas da tevê, que cobriram o fato insistentemente, com o âncora de um deles rezando o pai nosso, que lia no teleprompter enquanto chorava copiosamente, dizia-se que o ciclo familiar foi encerrado conforme a previsão de uma tele vidente,que anos antes dissera que o fim da família seria por atropelamento.

Em desespero sem fim, sem conseguir conformar-se, Teósticles, no auge

do terror, fez um poema em homenagem a essa “bela história”, e enterrou junto com sua amada. O nome do poema é “sepulcro de amor”.

Artaxerxes Miranda tira os óculos e esfrega os olhos com os nós dos dedos. Acabara de ler o texto que sairia em sua coluna no dia seguinte. Ele era o jornalista responsável pela coluna mundo cão do jornal.

A redação já estava vazia àquela hora, com as luzes apagadas com exceção de sua luminária. Estava realmente cansado!

Olha o relógio na parede, que marcava cinco para as dez. No corredor, apenas os passos monótonos do vigia noturno.

O pior de fazer a coluna mundo cão do jornal é que depois se perdia totalmente

a fome – pensa Artaxerxes, alisando os cabelos louros escorridos, colados na cabeça – corpos esfacelados e sangue no asfalto não combinavam com macarronada.

Artaxerxes – também conhecido como Alemão – recoloca os óculos, pega o paletó e encaminha-se para a saída. Depois de despedir-se do vigia, para na calçada, olhando para os dois lados.

Depois que se metera naquela... Loucura de reportagem em companhia de Rita D'Aléssio vivia com medo, fugindo. Sabia que havia loucos atrás dele, querendo matá-lo, torturá-lo, quem sabe...

Respirando fundo, Artaxerxes começa a andar. Tinha que ir até o estacionamento em que guardava seu carro. Mãos enfiadas nos bolsos da calça, altivo que nem um camelo, olhando para o chão,

ele inicia a caminhada. De repente tropeça numa pedra – lembra-se de Carlos Drummond de Andrade: “tinha uma pedra no meio do caminho...” – e cai de boca, perto de um objeto reluzente.

Seria uma nave espacial? – pergunta-se, sabendo ser uma pergunta idiota. Senta na calçada e pega o objeto com curiosidade. Por sorte não quebrara os óculos.

Era... Há,há,há! Um relógio!

Artaxerxes achara um relógio! Ele, o “sem sorte”, que jamais ganhara nem rifa de ovo de páscoa, finalmente dera uma dentro! Levanta do chão com os dentões pra fora, e, hipnotizado, examina seu achado. Era um cebolão, antigo, caixa de aço, não havia pulseira, mas servia. Ele, que não tinha relógio – a não ser o de parede, que não dava pra usar na rua, a não ser que

pendurasse no pescoço, e o do celular – ficou louco de felicidade.

Primeiro encostou o relógio – de pulso, mas grande como um despertador antigo – ao ouvido, e viu que funcionava. Só aí é que Alemão foi atingido pelo sentimento de posse; olhou para todos os lados, com os olhos arregalados e o relógio apertado contra o peito, os dentes trincados, músculos retesados de medo que alguém o visse e se apresentasse como o verdadeiro dono.

Apertando ainda mais o relógio contra o peito, com as duas mãos, encolheu o pescoço em atitude suspeita e saiu rasgando em direção ao estacionamento.

Os minutos que levaria até o fim da rua, para dobrar a esquina e disparar a correr pareciam horas intermináveis!

Alemão suava mais que um porco no matadouro; seus cabelos estavam ensopados e ele nem havia tomado banho! Caminhava todo encurvado, com a respiração alterada e o coração aos bumbos, marcando o ritmo para o tique-taque do relógio, que era só o que se ouvia naquele silêncio total.

Agora estava a dois passos da esquina, quando ouviu atrás de si uma voz seca, gélida:

- Ei, você! Você aí, do relógio.

Ele gelou. Pensou em correr, mas, as pernas grudaram no asfalto. Os joelhos batiam um no outro e junto com o rufar do coração e o tique-taque do relógio parecia uma orquestra de baile da saudade.

O homem aproximou-se, gingando como um capoeirista, jaqueta com a gola levantada e atitude suspeita. Era baixo, sem

pescoço, sobrancelhas juntas e espessas, olhos de boi, corpo forte. Parecia um buldogue.

Alemão tentou falar, mas a voz não saía. Pensou em agredir o cara, em defesa do seu espólio, mas as mãos estavam trêmulas, agarrando o relógio... Viu que o buldogue tirava algo do bolso. – vai me matar, pensou, de olhos fixos na mão do homem, espasmos ao lado da boca.

Finalmente o homem falou, com voz gutural:

- O senhor deixou cair a pulseira do seu relógio. Eu vim lhe devolver.

Artaxerxes caiu desmaiado.

O buldogue, surpreso, o ajudou, dando tapas em seu rosto até que despertasse.

- Desculpe, eu... – murmurou, meio sem graça, ainda tonto, pálido – Obrigado pela pulseira...

- O senhor está bem? Quer que eu chame um táxi e o leve ao hospital?

- Não, não! Foi apenas um mal estar. Já estou bem, agradeço sua ajuda.

- Não foi nada, respondeu o buldogue, fazendo um gesto – Bem, eu vou indo, então... Boa noite.

- Boa noite. Novamente muito obrigado.

Artaxerxes encosta-se à parede, pondo-se a enxugar o suor gelado do pescoço, enquanto observava o homem afastar-se.

Como estava tenso!

Não apenas por causa do relógio, mas, principalmente por causa da

reportagem. Sabia que poderia ser perigoso, mas só agora se dera conta de que corria perigo de morte! Poderia ser morto pelo pessoal da... Nem queria pensar no nome que eles próprios divulgavam!

Bom, o incidente despertara sua atenção para o caso. Ele avisara a Rita, mas ela continuara e ainda o convencera a participar. A propósito, por onde andaria ela?

Pensando ainda melhor, já era tarde. Amanhã falaria com ela. Perambular por aquelas ruas era perigoso.

Tivera saldo positivo: um relógio com pulseira e tudo!

Dá um sorriso de satisfação e reinicia a caminhada, agora tranqüilo. Até assoviava uma canção.

Um furgão lilás passa devagar por ele e entra no estacionamento. Artaxerxes entra logo em seguida e vai até o seu carro. O furgão estacionara ao lado.

Ele tira as chaves do bolso e ergue a cabeça ao perceber que o motorista do furgão abrira a porta traseira, de onde desceram três homens. O motorista sorri pra ele.

- O senhor é Artaxerxes Miranda?

- S-sim – estava surpreso – Como...?

Antes que completasse a frase levou um tremendo soco entre os olhos, despedaçando-lhe os óculos. O homem estava armado com um soco inglês. Caiu sem enxergar nada, o sangue escorrendo da testa e das sobrancelhas, pelos cortes feitos com os estilhaços.

Um dos homens o ergueu pelos cabelos, quebrando-lhe o nariz com uma forte joelhada.

Com os ouvidos zunindo de dor, Artaxerxes tentou correr, mas levou uma rasteira. Cego, tentou engatinhar.

O motorista puxou o revólver da cintura e falou:

- Quem tenta nos denunciar não vive, amigo!

O primeiro tiro foi na nuca. O segundo pegou na cabeça, mas já não era necessário; Alemão estava morto. Mesmo assim, os outros três homens sacaram suas armas e esvaziaram o tambor no corpo de Artaxerxes Miranda. Sua morte foi igual as que noticiava em sua coluna: sangrenta e repugnante.

Seu último pensamento antes de ir para o céu dos jornalistas foi: “que horas são?”.

VI

“Na madrugada de hoje, o jornalista Artaxerxes Miranda foi encontrado morto no estacionamento o qual deixava o seu carro. A polícia não tem pistas, mas acredita-se em vingança. O corpo foi crivado de balas...”

Sean abandona a notícia, que seguia, deixando o jornal de lado. Adriana Karves finalmente chegara.

Ela o fizera ficar ali na sala, de plantão, por pelo menos meia hora, esperando. Mas ele pretendia controlar-se,

não queria discutir novamente com sua esposa.

Observara a reação dela ao entrar na sala; não parecia ansiosa. Se fosse por ordem dela a caçada que lhe impuseram, estaria curiosa para ver o resultado.

- Ora, se não é o senhor detetive meu marido!

- Surpresa em me ver, Adriana? – pergunta ele, em voz baixa.

- Claro! Quando foi que deixou as suas coisas de lado, só pra me ver?

- Você sabia que eu não poderia largar um trabalho pela metade só pra voltar pra cá com a princesa. – respira fundo.

Os olhos expressivos dela, como os de Susan Sarandon brilham de raiva contida.

- É óbvio que não, Sean! Tudo é mais importante pra você do que seu próprio casamento!

- Preciso trabalhar pra sobreviver, sabia?! – continua falando em voz baixa, erguendo-se com clara expressão de nervosismo. Dá alguns passos pela sala. Adriana continua imóvel, a observá-lo.

- Por que voltou pra cá sem sequer avisar? – pergunta olhando-a nos olhos. Ela não responde de imediato.

Adriana tinha cabelos castanhos, cacheados, belos olhos escuros, enormes e expressivos, uma expressão decidida. Bela e insuportável.

Finalmente ela fala:

- Por que casou comigo?

- Nunca lhe ocorreu que eu precisava de alguém? Alguém como você?

Ela faz um gesto de impaciência.

- Esse casamento foi um erro, Sean! Vamos desfazê-lo enquanto é tempo! – faz uma pausa, esperando que ele retrucasse, mas Sean se mantém em silêncio. Ela volta a falar, controlada e fria, como se ditasse uma lista de com pras. – Você terá que me pagar uma pensão, naturalmente. Eu não vou exigir mais nada.

Sean Karves aperta os olhos, sem deixar de encará-la.

- Muito leal de sua parte, Adriana. Acho até que você é uma alma destinada ao céu.

- Não seja cínico, já que nunca se importou realmente comigo! – explode ela – Essa foi a razão da minha volta. Você vive obcecado pelo trabalho!

- Quer um conselho? Para de assistir a novela das seis! Eu não vim para servir de vidraça pra você!

- Então não há mais nada para falar.

- Não? Sem querer ser chato, mas, eu gosto de você. Miseravelmente, mas gosto.

Adriana calou-se. Não adiantava dizer que também gostava dele. Ia parecer drama de televisão. O casamento deles ficara nômade: muitas viagens, muito trabalho... Para ela, um casamento tinha que ter uma base, um local fixo, uma matriz; ou não daria certo. Como no caso deles.

- Não peça muito dinheiro – Ele sorri tristemente – Você sabe que eu ganho muito mal. – vira-se para sair. Na porta, ouve seu nome.

- Sean!

- O quê?

- Cuide-se. – diz, depois de uns segundos de silêncio.

- Claro, nada irá acontecer à sua pensão. – responde irônico.

- Sabe que não me referi a isso! – diz ela, brava. Depois conclui friamente – Mas já que mencionou...

- A propósito, Adriana... Voltei pro Brasil por sua causa, mas... Acabei de pisar no país, tentaram me matar.

- Como?! – a surpresa dela era evidente – Quem tentou matá-lo, por quê?!

- Eu não sei – ele dá de ombros – O importante é que não conseguiram.

- Está trabalhando em algum caso perigoso, Sean?

- Que eu saiba não estou trabalhando, ninguém me contratou pra nada. – ele segura a maçaneta da porta – Mas tentaram

me detonar e pretendo descobrir quem foi. Você sabe onde me encontrar.

Ele sai. Na rua, longe dos olhos dela, Sean percebe que soltara a respiração com força.

A coisa mais exótica, mais... Interessante que acontecera com ele fora o casamento com Adriana. Apesar dos “pegas tala larga” que aconteciam entre eles nesse tempo, sabia que se gostavam de verdade. No entanto, na primeira crise que surgia, que exigia concentração tempo integral, paciência de ambas as partes,e controle – ambos estavam supersensíveis – Tentavam riscá-lo do mapa sem motivo aparente.

Era muita falta de sorte! De uma hora para outra tudo virara, e para pior. Seu casamento acabando...

Ele decide colocar os problemas em ordem.

Para acertar-se com Adriana tinha que estar vivo. E para continuar vivo tinha que pegar os responsáveis pelo atentado contra sua vida. Para pegá-los tinha que descobrir quem eram. E para descobrir quem eram, como faria?

Talvez encontrasse algum tipo de ajuda com o coronel Tatum. O coronel tinha infiltrações nos piores esgotos.

VII

A fogueira crepitava como olhos de um fanático, o vento frio chacoalhava as árvores próximas à casa. Havia várias

pessoas acomodadas em torno, apertando os cobertores junto ao corpo, com canecas de café fumegante à mão.

Instintivamente inclinavam o corpo para frente, todos atentos ao relato de um homem de vasto bigode branco.

A noite estava escura e fria, tendo como contraste no céu límpido milhares de estrelas espalhadas, como brinquedos num quarto de criança.

-... E eu vi com os meus próprios olhos! Uma poça de sangue. Uma enorme poça de sangue vivo, ali no chão – o homem arregalava os olhos azuis, dando ênfase à história = Sangue ainda fresco; sangue humano, senhores!

O dono da voz trovejante, rouca de emoção era o coronel Agroceres Tatum. Seu relato dramático vinha arrancando suspiros

assustados e pessoas, de vez em quando, engoliam em seco.

O coronel, indiferente às reações, continua:

-... Olhei em volta, procurando um cadáver – faz uma curta e teatral pausa – Tinha que haver um cadáver, senhores! Quem perdera tanto sangue não poderia jamais sobreviver! – o fogo delineava o contorno do rosto vermelho do coronel, tornando-o assustador. – Foi nesse momento que "ele" apareceu...

Agroceres Tatum percebe que nenhum dos presentes tirava os olhos de cima dele. Ninguém se mexia, sequer piscavam! E as respirações estavam todas retidas.

- "Ele" não me vira, assim pensei, pois nem olhara para o canto em que eu me

encontrava. Era Tag, senhores! Tag, senhoras! – ele agora parecia um advogado, ou um pregador, ou até um político sensibilizando e hipnotizando as pessoas – Tag, o cão imundo! Tag, o inumano!

Alguém deixa escapar um gritinho de medo.

- Tag, o meu cruel inimigo, ali, a poucos metros de mim! – continua o coronel, com fervor – O que aconteceu em seguida me desconcertou, e digo-lhes mais, é uma visão que jamais esquecerei em minha triste vida! – ele dá o que se poderia descrever como um sorriso maligno, olhos esbugalhados, meio enlouquecidos, convincentes. – Ele se ajoelhou rente à poça de sangue e... Começou a beber! Ele bebia o sangue com uma voracidade indescritível!

Todos estavam tão atentos e tão impressionados que nem percebiam que seus cobertores escorregavam até o chão, e o vento gelado os açoitava. Pareciam materializar a cena, ali na fogueira, tão perfeita era a descrição feita pelo coronel.

- Foi nesse exato momento, paralisado pelo terror, que vi o cadáver! – nova pausa. O rosto dos presentes contorcia-se em expressões dolorosas e enjoadas – Era uma moça loira, que já não tinha cor alguma no rosto. Seus olhos, frios como os de um peixe, vidrados. Tag, ajoelhado, de costas para mim, ainda bebia o sangue dela. A moça estava alguns metros erguida do solo, literalmente pregada à parede por um arpão de pesca submarina atravessado no peito. – murmúrios nervosos o interromperam por instantes – Digo até,